



BOLETIM INFORMATIVO

CATEDRAL ANGLICANA DE SÃO PAULO

E-mail: contato@catedral-anglicana.org.br

Tels: (11) 5686-2180; 5686-0383; 5686-1673; 5686-2296

“TOLO! HOJE MESMO PEDIRÃO A SUA VIDA” – 31/07/22



Em Lucas 12.13-21, esse tema é abordado a partir da parábola do agricultor rico. Nas reflexões são incluídas as consequências dessa relação com os bens materiais na vida das pessoas e da comunidade. O texto apresenta o contraponto entre a economia do acúmulo e do egoísmo e a economia do amor e da solidariedade. A cena do episódio narrado ocorre num contexto onde havia uma multidão. Aliás, a palavra multidão (*ochlos*) está no começo, meio e fim desse capítulo (v. 1, 13 e 54). Ela pinta a cena desse episódio como uma cena pública. A multidão é o povo: não são os nobres e ricos, mas são as pessoas comuns do lugar. É com elas que Jesus fala neste capítulo. Frequentemente, elas não têm nome e nem voz. Mas Jesus disse que, mediante Deus, a multidão não é impessoal, mas é composta por pessoas conhecidas e diversas. E nenhuma delas está esquecida diante de Deus. Conforme Lucas 12.6-7, elas são tão conhecidas, que até os cabelos de suas cabeças estão todos contados. Segundo Moltmann, é de uma multidão de pessoas que não se conhecem que nascem as primeiras comunidades cristãs, e essas logo se transformam em “um só coração e uma só alma”. A solidariedade entre as pessoas fazia com que tivessem tudo em comum. Não havia carência entre elas. Repartia-se a cada uma segundo a sua necessidade. Assim, com grande eficácia testemunhavam a ressurreição de Cristo (At 4.32-35).

EXPLICAÇÃO DO TEXTO:

Depois do monólogo de Jesus em Lucas 12.1-11, uma voz emerge da multidão, interrompendo o ensino e interrogando Jesus. O homem que levanta sua voz reconhece que Jesus fala com grande autoridade e pede orientação sobre a divisão da herança com o irmão. Esse homem vê em Jesus um rabino que tem autoridade não somente em assuntos religiosos, mas também em questões jurídicas. No Pentateuco estão descritas formas de implementar as regras em relação às heranças (Dt 21.15-17, Nm 27.1-11 e Nm 36.7-9).

Diante da pergunta do homem, Jesus reage dizendo que não é juiz ou advogado para lidar com questões legais relacionadas a heranças. Podemos dizer que esse diálogo entre o homem e Jesus (v. 13-14) torna-se uma estratégia literária para introduzir uma parábola, cujo fim é instruir sobre o tema.

V. 15 – Jesus, portanto, aproveita o assunto da herança para trazer um ensinamento sobre os bens materiais, especificamente sobre a avareza. Jesus recomenda a seus ouvintes para ter cuidado e guardar-se da avareza, porque a vida de qualquer pessoa não consiste na abundância do que possui. V. 16-21 – Para ilustrar esse ensinamento, Jesus passa a contar uma parábola a respeito de um agricultor rico, cujo campo produziu em abundância. Diante da abundante colheita, o homem iniciou uma reflexão consigo mesmo. Seu monólogo logra uma condensação literária inigualável mediante o uso dos muitos pronomes possessivos: meus frutos, meus celeiros, meus produtos, meus bens, minha alma. Tudo é meu! O agricultor rico faz uma reflexão absolutamente centrada em si mesmo. Nessa reflexão, não há espaço para a sua família, o seu administrador (subentende-se que um latifundiário sempre tinha um administrador) e muito menos a sua comunidade. Decide por sua conta e se convida a uma vida benfazeja somente para si mesmo! E como diz René Krüger (PL 29, p. 229), ele nem sequer pensa numa festinha com pessoas amigas, pois outras parábolas de Lucas incluem a dimensão festiva relacionada com uma alegria especial: a grande ceia, a ovelha perdida, a moeda perdida, o filho pródigo. O imperativo “regozija-te” (*eufrainou*) corresponde à descrição do rico em Lucas 12.19. Ambas as parábolas acentuam as características do egoísmo, da avareza, da exclusão de outras pessoas e da falta de solidariedade.

Depois de refletir e planejar o seu projeto de armazenamento, acúmulo e vida em regozijo, o monólogo do homem é bruscamente interrompido por uma avaliação muito negativa de sua forma de pensar: “Louco! Esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?”. É Deus mesmo que entra em cena e anuncia que essa forma de pensar e planejar o acúmulo de bens é insensata, é loucura. Nos escritos sapienciais do Antigo Testamento, o louco, o néscio, nega a existência de Deus (Sl 14.1 e Sl 53.2) e também vive sem Deus e não segue a sua vontade. Isso se refere não somente à religião, mas à vida em sua integralidade. Aqui no texto, Lucas atualiza esse conceito de louco e néscio, colocando-o no contexto do uso dos bens. Com isso, o mau uso dos bens

tem a ver com a loucura e o viver sem Deus. O v. 19 não apresenta somente o juízo para quem faz mau uso dos bens, acumulando-os de forma egoísta. Apresenta também uma possibilidade de vida. A pergunta “O que tens preparado, para quem será?” inclui e coloca em evidência outras pessoas, faz refletir e aponta para outra forma de planejar e lidar com os bens que não é o acúmulo para si, mas o repartir com os outros. Ela também remete ao tema da herança, agora relativizado, apontando para o uso que se faz dos bens.

No v. 21, Jesus conclui falando ao público que isso acontece aos que acumulam para si bens e tesouros e não são ricos para com Deus, ou seja, que esquecem de fazer o que é ser rico perante Deus. E ser rico perante Deus inclui fazer a sua vontade, ou seja, seguir o mandamento do amor a Deus e ao próximo!

MENSAGEM:

O acúmulo egoísta de bens em benefício próprio tem sido a tônica do mundo atual. Pessoas, sociedades e países são capazes de acumular de forma ilícita; passar por cima de familiares, amigos e compatriotas; em nome do acúmulo se destrói a natureza e se coloca em risco toda a comunidade planetária. Outra reflexão importante apresenta-nos Moltmann em seu livro “Ética da Esperança”, quando menciona que o oposto da riqueza não é a pobreza, mas a comunidade. Afirma também o inverso, ou seja, que a alternativa qualitativa à pobreza e à riqueza é a comunidade. Em comunidade, todas as pessoas tornam-se plenas e abundantes em relações, em confiança, em auxílio mútuo, em amparo e cuidados, em ideias e forças, em energias da solidariedade e do amor recíproco. Uma comunidade que tem “um só coração e uma só alma” é uma comunidade de confiança. Onde algo assim acontece, ali se experimenta a presença de Deus.

E ainda outra reflexão que se pode ressaltar a partir desse texto é que, para avaliar a partir da ética cristã um determinado sistema socioeconômico e político, a perspectiva bíblica coloca-nos a pergunta sobre as consequências que esse sistema tem para a vida, para a realização plena dos seres humanos, para a convivência em comunidade familiar, social, nacional e internacional; para a criação de Deus. Por mais que um determinado sistema produza um desenvolvimento tecnológico e um aumento dos ingressos de um país, sempre cabe perguntar pela distribuição interna dos benefícios. Se o sistema marginaliza e exclui seres humanos, ele é avarento.

Oração: "Deus, nosso Pai, o Vosso desejo é que nos amemos uns aos outros como Jesus nos amou, entregando-se por nós e nos libertando do egoísmo. Pedimos que sejamos misericordiosos e ternos, cheios de mansidão e Espírito solidário. Amém"